2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 37. QUINTA FEIRA, 24 DE MARÇO DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CATALOGO DOS DOCUMENTOS RESPECTIVOS ÁS NOSSAS ANTIGAS RELAÇÕES COM A INGLATERRA, COLLIGIDOS PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SANTAREM.

(Continuado de pag. 424.)

41.º

1567 ABRIL 26 — Londres — Offerecimento feito á rainha d'Inglaterra por dois portuguezes Antonio Luiz e André Homem (8) de darem á mesma rainha 150 legoas de terra firme na costa da Ethiopia tão ricas em minas de oiro como as do Perú etc. Estas terras diziam elles não pertencem a el-rei de Portugal e não tinham sido até então descobertas.

42.º

1567 MAIO 6 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião pedindo reparação dos damnos que os portuguezes tinham causado a Guilherme e Jorge Winter.

43.º

1567 — Resposta dada por parte da rainha Isabel ao embaixador de Portugal a respeito das accusações que se fizeram contra os mesmos Winters por parte de Portugal.

44.º

1567 JUNHO (?) — Segundas instrucções dadas pelo governo inglez ao doutor Wilson enviado á corte de Lisboa sobre o negocio dos dois Winters.

45.º

1567 JUNHO — Outra instrucção sobre o mesmo objecto.

46.º

1567 OUTUBRO — Officio do doutor Thomaz Wilson enviado britannico em Lisboa dirigido a sir William Cecil dando-lhe conta da maneira porque fôra recebido por el-rei D. Sebastião, e das suas primeiras negociações com a corte de Lisboa.

47.º

1567 OUTUBRO 14 — Resposta de el-rei D. Sebastião á rainha Isabel sobre as reclamações feitas pelo doutor Wilson enviado da dita rainha.

48.º

1567 OUTUBRO 30 — Discurso pronunciado pelo doutor Wilson diante de el-rei D. Sebastião sobre a causa dos Winter e a attestação do notario publico Edwardo Wilson.

49.º

1567 NOVEMBRO 2 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião queixando-se dos máos tratamentos que os subditos inglezes Gustavo Olivers e João Walroum tinham ex-

(8) Este André Homem parece-me ser o cosmographo portuguez que em 1557 desenhou em Anvers uma magnifica carta e de que fiz menção na minha obra intitulada « *Recherches sur la priorité des Découvertes des Portugais sur les côtes d'Afrique*, etc. pag. 129 e 130 nota 1.ª »

perimentado dos commandantes dos navios de guerra portuguezes.

50.º

1567 NOVEMBRO 29 — Carta da rainha Isabel a el-rei D. Sebastião reclamando contra a tomada de um navio inglez pelo commandante Luiz d'Almeida que conduziu a dita presa á ilha Terceira e de lá a Lisboa onde foi restituido o dito navio sem a carga.

51.º

1568 ABRIL — Discurso dirigido á rainha Isabel pelo enviado de Portugal em Londres Manuel Alvares sobre os negocios da sua missão.

52.º

1568 MAIO 28 — Resposta do conselho privado d'Inglaterra sobre os objectos expostos no discurso do enviado de Portugal Manuel Alvares.

53.º

1568 DEZEMBRO — Exposição do enviado de Portugal Manuel Alvares á rainha Isabel contra os subditos inglezes que navegavam furtivamente para a Guiné mostrando ser prohibido aos estrangeiros o navegarem para aquellas partes e para as conquistas de Portugal.

54.º

1568 (?) — Onze artigos que se deviam allegar na causa dos Winter (sem data).

55.º

1569 (?) — Considerações sobre o commercio entre Portugal e Inglaterra (sem data).

56.º

1569 (?) — Papel assignado por Hastings ácerca da conservação da paz e da amizade e do augmento do commercio com Portugal.

57.º

1569 — Minutas de cartas sobre negocios de Portugal.

58.º

1569 JUNHO 29 — Considerações (em 23 artigos) sobre quanto seria proveitoso para a Inglaterra que o commercio e deposito das *especiarias* se estabelecesse em diversos portos da Inglaterra, commercio de que tinham resultado tantos beneficios e proveitos a Anvers e aos Paizes-Baixos, e sobre os portuguezes transportarem para Inglaterra o dito commercio etc.

59.º

1569 JUNHO 29 — Rasões allegadas em 16 artigos, por um portuguez da utilidade que resultaria de se estabelecer em Inglaterra a feitoria das *especiarias* e se isto convinha aos portuguezes.

60.º

1569 DEZEMBRO 16 — Commissão de el-rei D. Sebastião dada a Antonio Fogaça mandado a Inglaterra.

61.º

1570 SETEMBRO 26 — Copia de uma carta do conselho para M. Christmas sobre os prejuisos que lhe causaram os portuguezes em consequencia do que se haviam passado ordens para se proceder a represalias.

62.º

1570 OUTUBRO 20 — Propostas concernentes ao commercio com a Barberia.

63.º

1571 FEVEREIRO — Artigos propostos por parte da rainha Isabel d'Inglaterra para um tratado com Portugal negociado com Francisco Giraldes enviado de Portugal na corte de Londres (projecto).

64.º

1571 FEVEREIRO — Outro projecto de tratado entre el-rei D. Sebastião e a rainha d'Inglaterra.

65.º

1571 FEVEREIRO 2 — Tratado de paz e amisade entre el-rei D. Sebastião e a rainha Isabel em 4 artigos.

66.º

1571 FEVEREIRO — Respostas e observações a certos artigos propostos pelo enviado de Portugal Francisco Giraldes em nome de el-rei seu amo.

Estas observações são escriptas, segundo parece, por sir R. Cecil.

67.º

1571 DEZEMBRO — Instrucções dadas por el-rei D. Sebastião a Francisco Giraldes seu enviado na corte de Londres sobre as suas negociações.

68.º

1571 DEZEMBRO 27 — Substancia dos artigos que se deviam accordar entre os inglezes e o enviado de Portugal.

69.º

1571 DEZEMBRO 29 — Declaração de certos mercadores inglezes ácerca do commercio de Portugal.

70.º

1573 JUNHO 10 — Poder dado por el-rei D. Sebastião a Francisco Giraldes seu enviado para poder negociar a paz com a Inglaterra (é datado de Evora).

71.º

1573 DEZEMBRO 15 — Carta de Francisco Giraldes enviado de Portugal.

72.º

1574 ABRIL — Artigos de um tratado de commercio etc. entre a Inglaterra e Portugal. (A lettra parece ser de sir R. Cecil.)

73.º

1574 MAIO 2 — Resposta do conselho da rainha Isabel ás reclamações do embaixador de Portugal.

74.º

1574 — Tres artigos concernentes ás negociações com Portugal; dos papeis de Francisco Giraldes enviado de Portugal.

75.º

1574 — Das garantias de que devem gosar os mercadores que negociarem em Portugal e Hespanha.

76.º

1576 (?) — Rasões allegadas por Thomaz Pallison *Alderman* e outros contra a associação para fazer o commercio com Hespanha e Portugal.

77.º

1576 OUTUBRO 8 — Carta de Francisco Giraldes enviado de Portugal em Londres.

78.º

1576 OUTUBRO 10 — Carta de Lewes a lord Burleigh sobre o commercio com Portugal.

79.º

1576 OUTUBRO 11 — Outra carta de Lewes ao dito lord sobre o mesmo objecto.

80.º

1576 OUTUBRO 20 — Tratado de commercio entre Portugal e a Inglaterra ajustado entre Francisco Giraldes e sir Francisco Walsingham.

(Continúa.)

AS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS DE PORTUGAL EM 1643.

TITULO QUARTO.

Da fórma que se terá na cobrança e recebimento das decimas.

(Concluido de pag. 427.)

12.º E do mesmo modo o thesoureiro da camara desta cidade entregará ao dito thesoureiro geral a decima dos juros, tenças, e ordenados que lhe forem na folha, e do que mais ficar livre á camara, para que o thesoureiro geral terá tambem titulo apartado em seu livro.

13.º E cobrados os quarteis das decimas, pelos recebedores nas freguezias dos termos das cidades, villas, e logares do reino, os levarão a entregar aos thesoureiros das ditas cidades, villas, e logares de que cobrarão escriptos em fórma feitos pelos escrivães, e assignados por ambos.

14.º E os thesoureiros dos logares das comarcas, depois de terem cobrado os quarteis, que lhes tocam, os levarão a entregar aos thesoureiros das cabeças dellas, que os receberão carregando-se-lhes em livro em titulo separado, que nelle ha de haver do que pertence a esse logar, e assignado o termo de seu recebimento se passará conhecimento em fórma ao que fez a entrega, e a despeza da conducção deste dinheiro se fará por conta das camaras e concelhos daquellas villas, e logares donde fôr.

15.º Os thesoureiros das cabeças das comarcas receberão o dinheiro das villas, e logares dellas, pela mesma maneira que fica dito, e meter-se-ha em uma arca, de que elle terá uma chave, outra o corregedor, e outra o provedor, e quando algum delles se ausentar a deixará ao juiz de fóra, e ausentando-se ambos ficarão as chaves ao juiz e vereador o mais velho, e ausentando-se tambem o juiz, ficarão os dois vereadores mais velhos, e com as-

sistencia de ambos se tirará o dinheiro, que se houver de entregar, como abaixo irá declarado, e na mesma arca se metterão as satisfações que se derem ao thesoureiro, porque deste modo, nem o dinheiro se poderá desencaminhar, nem elle ter perda alguma.

16.º E os almoxarifes, executores, thesoureiros, e recebedores das comarcas, entregarão aos thesoureiros das cabeças dellas as decimas dos juros, tenças, e ordenados, que lhe forem nas suas folhas, aos quarteis por inteiro, na fórma que se dispoem que o façam os thesoureiros, e almoxarifes desta cidade ao thesoureiro geral, fazendo-se carga, em seu livro, do que recebem, passando-se-lhes conhecimentos em fórma, para sua descarga.

17.º E por quanto nos almoxarifados vão algumas rendas por orçamento, as quaes poderão render mais, ou menos daquillo em que vão orçadas; os almoxarifes tirarão certidões do provedor da comarca, do que ellas renderam em aquelle anno, e no ultimo quartel se fará conta do que couber á decima, e do que toca ás partes, por quanto nos primeiros tres quarteis hão de pagar por inteiro, a respeito do orçamento que vae na folha.

18.º Pelo mesmo modo farão entrega os almoxarifes, feitores, administradores, e rendeiros dos donatarios, e fidalgos, do que couber de decima em seus recebimentos aos thesoureiros dos logares, onde assistirem, e receberem, carregando-se nos livros de seus recebimentos, e passando-se-lhes conhecimento em fórma.

19.º O dinheiro que se cobrar nesta cidade, e vier das comarcas a ella, depois de se carregar em receita ao thesoureiro geral, pelo escrivão de seu recebimento, se mettera tambem em uma arca de tres chaves, de que o mesmo thesoureiro ha de ter uma, e as outras terão duas pessoas que a junta nomeará, um nobre, e outro do povo, e com assistencia de todos se metterá, e tirará o dinheiro da arca para se dispender na fórma do regimento, que se ha de dar para a despeza da guerra, e nella estarão tambem os livros de receita, e despeza.

20.º E porque o dinheiro, senão divirta, e haja sempre conta e rasão delle, e conste a todo o tempo o que se recebeu, o que esta despendido, e o que está por gastar, o thesoureiro geral desta cidade terá em seu livro titulos separados onde se assente o que rende cada comarca, e para se evitarem gastos de se trazer o dinheiro a esta cidade, e o levarem depois ás fronteiras se mandará conduzir a ellas das mesmas cabeças das comarcas, aonde estiver cobrado, mas por ordem do mesmo thesoureiro geral, por quem ha de correr toda a despeza na fórma do regimento particular, que para elle se lhe ha de fazer.

21.º Assim como se a junta mandar entregar tres contos de réis a um capitão, para que na comarca de Vizeu, faça uma leva de soldados, para a fronteira da Guarda, mandar-se-ha fazer receita dos ditos tres contos de réis ao thesoureiro geral, de que se passará conhecimento em fórma ao thesoureiro da cabeça da comarca de Vizeu, que os ha de entregar. E o pagador que ha de haver geral, carregando-se aquelle dinheiro em receita, passará conhecimento em fórma pelo official da contadoria geral, a quem pertencer, ao pagador geral, para sua despeza obrigando-se nelle a lhe dar satisfação com a gente, que fizer, e entrega della na fronteira da Guarda, e assim lhe entregará conhecimento em fórma do thesoureiro geral, para sua despeza, para sua despeza, para o thesoureiro da comarca por elle lhe entregar a dita quantia, a que ha de ficar para a dita despeza, e por esta via o thesoureiro geral, o pagador geral, e thesoureiro da comarca ficam tendo as satisfações necessarias, e o pagador geral com cuidado de puxar pelo dito capitão, que fôr fazer a leva até a entregar na fronteira, e na fórma que se dará em regimento ao thesoureiro geral. Para este, e para os mais casos ficará o dinheiro sempre seguro, a conta certa, e desembaraçada com a clareza, que convém, sem que seja necessario vir o dinheiro a esta cidade com dobrados gastos, e despezas para se tornar a levar ás fronteiras.

22.º Em nenhuma cidade, ou villa deste reino se arrendarão as decimas, mas em todas se cobrarão pelo modo, que fica dito, porque nem se arrendem por menos do que importam, nem os rendeiros façam molestias aos povos nas cobranças.

23.º Das decimas, que até agora se lançaram mandarei tomar conta, e cobrar das pessoas, que as não pagaram o que estiverem devendo, e assim o que se cobrar dellas, como o que estiver em poder dos thesoureiros nesta cidade, e no reino se lançará em receita ao thesoureiro geral em titulo separado, e se metterá na mesma arca, para os gastos da guerra, e tambem mandarei tomar conta das pessoas, que até agora despenderam dinheiro nas fronteiras, e aos recebedores, que tiverem em si as decimas já cobradas, e donativos voluntarios, e o que se estiver a dever se cobrará, e virá ao thesoureiro geral em titulo separado, para se metter na arca, e despender na guerra, e armadas.

24.º E porque a principio, quando o reino me offereceu donativo voluntario, e se passaram provisões para os moradores pagarem conforme o que tinham até certas quantias, muitos deram logo o dinheiro, e achando-se, que aquelle meio não era sufficiente, se impuzeram decimas, e no alvará dellas se declara, que os que tinham contribuido com o donativo voluntario se lhes descontaria nas decimas do primeiro, e ultimo anno; ordeno, que do que se cobrar das decimas passadas, que se estão a dever se dê satisfação ás pessoas a quem se não descontou o que tinham dado. Que desta decima, que agora se impõem em côrtes se não póde tirar coisa alguma, porque com ella se ajusta o que é precisamente necessario, para os gastos da guerra.

25.º Os outros effeitos, que se applicam aos gastos da guerra em quantia de quinhentos mil crusados, se tanto renderem, a saber; os bens dos confiscados, real de agoa desta cidade, e do reino,

meias annatas, direito novo do assucar, o que se lançar ás ilhas, o rendimento do estado de Bragança, se cobrarão tambem por ordem da mesma junta, e virão ao thesoureiro geral na fórma que se dirá em seu regimento, e para a cobrança do real de agoa, e meias annatas se farão separados regimentos, e para tudo o mais que fôr destinado para a guerra.

26.º E como a camara desta cidade é a cabeça do reino, e por me servir tem obrado tudo o que della se podia esperar, confio que as mais camaras se haverão com o mesmo zelo, e lealdade, e que cada uma se pertenda adiantar no cuidado da defenção commum, e comprimento do que seus procuradores prometteram em côrtes, em seus nomes, que aqui vae relatado, para que o tenham intendido o quanto lhes importa lançarem-se as decimas com tanta igualdade, que se escuse outra contribuição, e que este regimento feito com parecer dos tres estados se guarde inteiramente.

27.º E este alvará se imprimirá, e se mandarão copias delle aos tribunaes, e ministros que necessario fôr, e ás cabeças das comarcas para todas as villas, e ministros, que houverem de assistir a este negocio, e aos que forem impressos, e assignados por dois da junta geral se dará tanta fé e credito, como se fosse o proprio por mim assignado, e quero que valha como carta passada em meu nome, sem embargo de seu effeito haver de durar mais de um anno, e de não passar pela chancellaria não obstante as ordenações do livro segundo, titulo trinta e nove, e quarenta, que para este effeito com todas as mais leis, ordenações, previlegios, capitulos de côrtes, que em contrario façam, que hei por derrogados de minha certa sciencia, poder real, e absoluto, e nenhum dos alvarás passados antes sobre esta materia terão effeito algum, porque só este quero que se cumpra, e guarde assim, e da maneira, que nelle é conteudo, e declarado. Miguel de Azevedo o fez em Lisboa, a dezenove de janeiro de mil e seiscentos, e quarenta e tres. João Pereira de Castello-Branco o fez escrever.

REI.

Regimento da fórma, e ordem, porque se hão de cobrar as decimas, que os tres estados offereceram em côrtes, para a despeza da guerra.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XL.

DEPOIS DE PURGATORIO A REDEMPÇÃO!

A alegria é tambem uma dôr aguda, quando a alma a não espera, e sem vontade e sem desejos esmoreceu nas trevas da amargura. Morta para tudo, menos para a agonia, não volta da insensibilidade á vida, sem que a jornada lhe custe lagrimas e o sobresalto a espante. Era o caso de Jeronymo. Desde a noite, em que se recolheu á prisão, habitaram sempre com elle os remorsos inconsolaveis do delirio, e as saudades incessantes da ventura. Só com os terrores da sua magoa, mudos os affectos, que lhe tornavam a existencia risonha, e o impossivel facil, não ousava olhar para a terra, aonde via o sangue de Thereza, não podia contemplar o céu nem com a esperança, porque o repellia de lá a imagem lacrimosa da donzella. Como o desterrado suspira pela patria, como o captivo ancêa a liberdade, assim o mancebo não tinha nos labios e no peito senão uma supplica para Deus: no horror dos homens e de si chamava pelo tumulo, pelo esquecimento eterno das penas, que o cortavam!

Costumado a pulsar com o de Thereza, e só para elle, o coração, apenas a julgou perdida, nunca mais soube conhecer-se. O amor, instincto, força, e luz da sua carreira, desde que suppoz ausente do mundo e entre os anjos aquella, para quem vivia, não teve senão um desejo, o de romper os laços mortaes para se lhe unir! Por uma contradição violenta, mas natural, o ciume, origem de todos os seus infortunios deixou então de se queixar e de a accusar; e a saudade, mais activa de cada vez, mais pungente a cada hora, dilacerou-o de recordações estremosas, em que as graças da formosura e os encantos da innocencia armavam de novos espinhos a angustia que o traspassava.

Neste estado, quando a voz amiga do corregedor lhe tirou de cima do peito o immenso pezo do remorso, a reação interior foi egual aos trances do martyrio. Thereza existia! Era uma revolução completa e n'um momento; era volver dos abysmos da desesperação aos climas menos sombrios, aonde a vontade ainda podia viver e luctar. Por isso, deslumbrado pelo golpe o espirito desfalleceu, os olhos fecharam-se, e o corpo cedeu sem vigor. As illusões tinham sido tão dolorosas, que a realidade, como um remedio heroico, apenas encontrava forças para operar!

Reanimou-se gradualmente depois; e foi tornando a si. Quando abriu os olhos, vendo o sol, que allumiava os dias de Thereza, achou-o alegre, e não importuno, como antes. Os gorgeios das aves, a pureza do céu, e a verdura das arvores deixaram de lhe parecer o escarneo dos seus

males. O amor tornava a aquecer o coração e a palpitar com elle. Os ferros, que não sentia ha pouco, pezavam já; e as lagrimas do captivo corriam em prova de que o amante suspirava. Foi um momento de beatitude absoluta, em que o jubilo presente corria o véu sobre o passado, apagando as lembranças mais pungentes.

Mas á medida, que a lucidez do pensamento ía aclarando, (confirmada a existencia de Thereza) o ciume renascia, a duvida voltava, e á saudade ardente succediam os zelos e o resentimento da indifferença. A memoria acordava, avivando-lhe a scena em que perdera quanto o tinha ligado ao mundo. A excitação e a dôr volveram com mais força. Saber que a irmã de Cecilia escapara ao golpe, e dizerem depois que o esquecia nos braços de um principe, não seria peior do que choral-a morta, mas sua, embora o accusassem, embora todos os tormentos fossem os flagellos da sua idéa?

Absorvido por esta paixão o espirito depressa tornou a declinar para a amargura; seguiu-se a prostação; e os olhos encovados, e acesos em sombrio brilho annunciaram as trevas, outra vez, enluctando a mente e o coração, a febre da agonia abrasando o sangue, e a proximidade do delirio, cujas crises, não menos terriveis que as anteriores, pouco tardariam em gastar a debilidade daquelle corpo tão cançado de padecer.

No meio desta cruelissima transição do jubilo para a magua violenta e lacerante, como são as recaídas, é que o padre Ventura abriu a porta, e appareceu diante do mancebo.

Conhecedor das paixões e habil em as dirigir, o jesuita não precisou senão de um lance d'olhos para ler o conflicto moral na physionomia de Jeronymo. Ninguem melhor podia sondar a chaga e calcular pela sensibilidade a extensão do mal. Aquella alma tinha fraquezas e contradicções, visiveis só para elle, e que nenhum outro seria capaz de converter em meios de salvação. Entre dois homens, grandes pelas qualidades do animo e do caracter, existem segredos, que a apreciação vulgar nem sequer suspeita.

Um coração, como o do pupillo de Lourenço Telles, no qual o arrojo e a heroicidade nasciam do sentimento, cuja vida era quasi toda só paixão, não se curava com as consolações habituaes das almas menos elevadas. Seria mais facil dispol-o para receber a morte, do que preparal-o para lhe annunciar a boa nova. A primeira não o assustava, despenava-o; a segunda podia exceder talvez as poucas forças que ainda lhe restavam. Além disso, tendo cuidado vêr pelos proprios olhos o seu amor, calcado aos pés de Thereza, entregue a outro, e para sempre traído; suppondo-se com as mãos tintas do sangue do rival e da amante; dizer-lhe que ella vivia, que os sentidos foram mentirosos, e que a felicidade ía sorrir-lhe mais doce do que nunca; convencel-o sem abalo; trazel-o da certeza da desgraça até á duvida; e da duvida até á verdade, impedindo ao mesmo tempo, que tantas commoções apagassem a chama vacillante da vida, eram difficuldades, eram escolhos, que o visitador não considerava sem terror, apesar do tacto e da serenidade do seu espirito.

A presença das filhas de Filippe, a confissão de Cecilia, e as palavras de Thereza, seriam acreditadas? Haveria bastante crença n'aquella alma, e sufficiente ardor n'aquelle coração, depois de tantos padecimentos para na contensão da crise ficarem superiores? E se a vista da donzella dantes tão amada e da irman adoptiva obscurecendo a rasão com transportes violentos cortasse de repente o delgado fio, porque apenas estava suspenso sobre o cahos da loucura? Se o sobresalto não o salvasse, e o perdesse? Não vira o padre em Cecilia, durante momentos, as sombras da morte, pendendo o ultimo suspiro de uma sensação mais forte?

Por isso, mostrando a placidez no semblante, e fingindo o sorriso nos labios, o padre Ventura escutava o peito e sentia-o tremer como uma creança. Elle que tantas batalhas espirituaes tinha pelejado; que tantos perigos de vida e de fortuna tinha subjugado; diante desta lucta, quasi desconfiava de si. É que o seu coração ainda tomava mais interesse no exito que a intelligencia. Presava o mancebo, como pae; daria tudo para o salvar; e sabia, que semelhante ao corte do operador uma palavra imprudente, um momento de perturbação, podiam dar a morte aonde iam levar a vida!

Quando o visitador entrou o capitão com a cabeça entre as mãos, e a vista suspensa, estava engolphado em amarguradas reflexões. Passavam-lhe pela idéa as memorias daquelles ditosos dias nos quaes, julgando-se amado, adormecia e acordava embalado pelas mais doces illusões. A alma lacrimosa, para maior tormento, mostrava-lhe a imagem de Thereza em todo o esplendor da formosura virginal, com as pupillas de esmeralda aveludadas e languidas de ternura, com o sorriso meigo e cheio de promessas. Via-a, tinha-a presente, como na hora em que lançando-lhe o col-

lar dos bellos braços, e pousando-lhe os labios de rosa sobre a fronte, lhe pedira que vivesse e se abraçasse com a esperança. Depois, a scena do jardim com as palavras e os juramentos dos amantes; o sangue a correr do seio; os olhos mortaes a accusarem-no, perdoando; representavam-se-lhe de repente, e uma nuvem escurecia o coração, enchendo-o de trevas e de horror.

Sentindo passos, Jeronymo sobresaltou-se, e ergueu a cabeça. A presença do jesuita, que tanto desejava ver, pareceu causar-lhe estranheza, como se houvessem annos entre o seu recado e a chegada delle. É que desde a conversação com o corregedor do crime tinha sahido da noite dos remorsos e da desesperação, para tornar a abysmar-se nas dores, e nas contradições do ciume.

Antes estava como um condemnado contricto, despedindo-se da vida sem saudade para encurtar as maguas da ausencia e do amor, certo de não deixar atraz de si ninguem, que a sua desgraça tornasse feliz, e que a sua perda livrasse de um pezo. Agora sabia que o tumulo era uma prisão eterna só para elle; e que apenas enchutas as lagrimas, dadas á piedade, um rival ditoso tomaria o seu logar, convertendo em sorrisos os prantos de Thereza, e em suspiros de ternura a leviana melancolia, ou a tristeza quasi indifferente, sacrificio leviano de um momento. Entre estas duas phases, tão rapidas como diversas, havia um mundo de paixões, de duvidas, e de angustias, em que a rasão não ousava respirar, nem o espirito socegava.

Eis o motivo porque á vista do padre Ventura mal pôde conter o constrangimento, com que o recebia, e o receio com que aguardou as primeiras palavras. Como a demencia se desvia da charidade, que a vigia, assim este ulcerado coração, louco á força de chorar e padecer, tremia da serenidade do homem, que mais severo reputava em estranhar as suas fraquezas.

O visitador percebeu quanto passava no animo do mancebo; porém não o demonstrou. Sem apressar o passo, sem alterar o sorriso consolador, que lhe adoçava o rosto, aproximou-se, deu-lhe a mão a beijar, e puchou uma cadeira para defronte, fitando nelle depois aquelle olhar lucido e penetrante com que parecia ler nos mais secretos pensamentos. Da sua parte Jeronymo, costumado a respeital-o e a ouvil-o com a veneração de um filho, e a fé activa de um proselito, apenas se atrevia a levantar a vista cheia de timidez, com receio de que podesse descobrir ao seu exame a ingrata repugnancia, com que acolhia tantas bondades e affeições. O italiano adivinhou tudo em um momento, e meneando a cabeça, sem carregar o aspecto, nem a voz, disse-lhe:

— « Desde que o deixei, a ultima vez, irmão Jeronymo, parece-me que o seu coração está mais longe de Deus e mais proximo do mundo. Achei-o com saudades tão vivas de ver o ceu, que me admira o interesse com que parece agora olhar para a terra! Diga-me: se lhe dessem ainda a escolher, pedia sempre a morte?... Responda; confesse que não! Não daria hoje para viver e ser livre mais do que hontem offerecia, julgando-o pouco, para acabar com os seus males christãmente?... Ah, mancebo, como as paixões nos cegam, e o coração nos engana! Quer que lhe diga o que sentiu, quando entrei? Teve desgosto, teve ira mesmo por me vêr!... »

— « Eu, padre Ventura! Protesto... »

— « Não disfarce! Conheço-o, Jeronymo, como me conheço a mim proprio. Aonde os outros não veem nada, eu vejo tudo. Bem sabe! Ora pois; a verdade é que teve pesar, (quero que seja só pesar) por me encontrar diante dos seus olhos, que estavam baixos e sombrios, porque a virtude e a honra é que podem levantal-os... »

— « V. paternidade acha pouco os ferros desta cadeia, e as maguas da minha vida? » replicou o mancebo tristemente. « Cuidei que a charidade se ensinava de outro modo na companhia. »

— « Na companhia, os que são dignos de vestir o habito e de abraçar a cruz de Christo » disse o visitador severamente » são homens para padecer, para perdoar, e para orarem a Deus pelos inimigos, que os perseguem. Aprende-se a soccorrer os que gemem de injustiças, e a lamentar os que se perdem na idolatria das paixões... »

— « Padre Ventura, os que não penam, e sabem só o nome ás dôres julgam-nas de leve, e sem consideração. Se elles soffressem uma hora o que eu padeço ha tantos dias!... »

— « Sendo a alma grande e religiosa offerecia a Deus o tormento, e procurava os conselhos e advertencias dos mais velhos. Cuida que é castigado innocente? Já mediu as lagrimas que fez correr; já contou as ancias que fez passar? Não se vê senão a si, e falla como se o universo não tivesse outro espectaculo?! Jeronymo, os seus amigos... »

— « Os meus amigos deixaram-me como a fortuna! » disse o capitão com abatimento. « Vendo-me por terra nenhum me estendeu a mão!

Padre Ventura, a ultima prova agora acabo de a receber. Eu já não tenho amigos! »

— « Não merecia tel-os. Os fracos fogem, e fazem fugir os outros. »

— « Será necessario que leve até ás fezes este calix? » exclamou o mancebo com desalento. « Estou prezo, estou fóra do mundo atado á cruz. Que mais querem? Os homens não me conhecem; e accusam-me? Eu morri para elles e os mortos não sentem. Os que se diziam amigos e mestres não se chegam senão para me apontarem para os seus exemplos? Se são fortes é porque nunca luctaram. Não cahiram, porque na vida não encontraram o que foi uma infelicidade para mim. Se amassem, e os trahissem! Se a sua alma em um só instante recebesse mais golpes do que o soffrimento humano póde supportar... veriam então! Padre, sabe o que peço a Deus? É que me acabe com este resto de rasão! »

— « Jeronymo disse o visitador com intenção austera, a cegueira torna-o esquecido, para não dizer ingrato. Quem lhe disse que me julgo perfeito, ou que me creio superior ás fraquezas? Esperava mais, é verdade, do seu coração; cheguei a suppor que um dia... não fallemos disso! Esta roupeta é muito humilde para o seculo, e a vida do deserto pacifica de mais para o tumulto dos affectos. Não o accuso de seguir o mundo! Quando o vi no sertão no meio dos indios, creança nos annos, homem pelo espirito, louvando a Deus em presença do martyrio, e abençoando a morte sem medo á dor, enganei-me e todos se enganariam comigo. Cuidei que da creança saíria um apostolo ou um heroe. Quando o vi, entregue ao amor, abrindo com a sua espada o caminho da fortuna, e em cada campanha dizendo como Cesar: eis a minha herança! acreditei que havia perigos na paixão, mas que o mancebo os vencia como homem. Mas quando soube, que o soldado não tinha animo para supportar o infortunio nem valor para resistir ao delirio, ferindo uma mulher e enchendo de luto, de vergonha a casa em que foi creado...!

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO LIV.

UM MINISTRO NA ANGUSTIA.

(Continuado de pag. 429.)

El-rei passeava com passos desiguaes e pesados na sua antecamara, quando o ministro entrou. O rosto inexpressivo do monarcha não deixava perceber se na sua mente havia algum pensamento triste, ou se a cholera o agitava; era uma mascara sem mobilidade que poderia servir para materialmente representar a insignificancia; e poder-se-ía comparar á agoa crassa e immobil de um paul, que o rijo vento do norte póde apenas encrespar á superficie.

— Está decidido, Conde, partes esta noite mesmo — disse elle ao seu valido parando no meio da casa. — Já recebeste a carta de meu irmão. O Pedrinho não é tão máu como o querem fazer. Já lhe vae passando a furia; e daqui a oito dias estás tu de volta para o paço. Ah! Ah! — proseguiu o rei, rindo — e a rainha, a *brixota*, que interesse tem mostrado por ti nesta occasião! Eu não a intendo. Tanta cholera, tanta cholera, e agora tanta amizade.

— Devo muito á bondade da rainha, minha senhora — respondeu o Conde de Castello-Melhor com ironia. — Se não fosse Sua Magestade interessar-se por mim, estava eu a esta hora n'uma torre, ou morto de garrote talvez.

— Foi bom que ella se interessasse por ti, isso é verdade. Meu irmão era capaz de se não contentar com menos do que isso.

— E a vontade do principe... — E o Conde parou nesta ultima palavra, que pronunciara lentamente.

— Do principe! Tambem tu lhe dás esse titulo, a que elle não tem direito?

— O sr. Infante deseja esse titulo, e Vossa Magestade não lho recusará de certo. Sua Alteza não se contentará com menos do que isso.

— É preciso que se façam côrtes, para o jurarem principe; e só quando...

— Quando Sua Alteza persuadir o juiz do povo, e os fidalgos, de que Vossa Magestade não póde ter outro herdeiro a não ser o sr. D. Pedro é que ellas se hão de reunir. Mas isso já está quasi feito. Lisboa está toda persuadida que, infelizmente, o casamento de Vossa Magestade não dará fructo.

— Quem espalhou essa idéa no povo? — perguntou Affonso VI, com impeto.

— O tempo... e os criados de Sua Alteza.

— Pois não ha de ser o que elles pensam. Pedro nunca ha de ser principe em quanto eu viver.

— A vontade de Deus ha de cumprir-se.

— Já agora saírás da côrte; prometti-o á rainha, e ha de ser.

— Bem sei, real senhor, que hei de saír de ao pé de Vossa Magestade. E venho, com as lagrimas nos olhos, e a dôr no coração, receber as ordens de Vossa Magestade, e beijar-lhe a mão pela... ultima vez. — E o Conde, levando aos olhos o lenço de cambraia branco, e ajoelhando diante de Affonso VI beijou-lhe a mão.

— Pela ultima vez! — bradou o rei. — Isso não. Daqui a oito... a trez dias has de estar de volta. Quero-te aqui vêr, daqui a tres dias. Quem havia de governar, se tu te fosses para sempre?

— Cá ficam ao pé de Vossa Magestade, a rainha, minha senhora, e o sr. Infante. Um conselheiro e um ministro que Deus esclarecerá com as suas luzes, mais do que se tem dignado até hoje fazel-o á minha humilde pessoa.

El-rei deu duas voltas pela sala callado, e depois, batendo violentamente com o punho sobre um bufete em que estavam frangãos assados, fructas e doces, (porque Sua Magestade tinha sempre um apetite voraz e comia a todas as horas), e enchendo a bocca com uma pera doce, bradou:

— Não quero eu que te vás d'aqui.

— Senhor...

— Não quero. Não quero. Não quero.

— Mas para ír agora contra a vontade do sr. Infante, é preciso empregar a força, a violencia...

— Empregue-se tudo. Mette meu irmão n'uma torre, se quizeres.

A esperança animou subitamente o rosto do ministro valido. Aproximando-se de Affonso VI, que se sentara a comer, provavelmente para alimentar a sua raiva, e encostando-se-lhe ao espaldar da cadeira, o Conde perguntou com uma voz, em que a duvida se misturava com a persuasão:

— Vossa Magestade está resolvido a oppôr a força ás vontades de Sua Alteza?

El-rei continuou a comer, sem responder uma palavra á pergunta do seu ministro.

— A fidalguia e o povo — proseguiu este — estão em Lisboa mal dispostos contra mim. Mas não succede o mesmo na provincia. É no exercito que se deve ir buscar a força para castigar as imperiosas exigencias... de Sua Alteza não — o respeito que lhe devo, me obrigam a crer que más sugestões só o tem arrastado a oppôr-se á vontade de Vossa Magestade mas sim dos seus conselheiros traidores.

Então o privado expoz ao seu rei um plano de resistencia que consistia, em este se retirar ao Alemtejo, cercar-se das tropas que havia naquella provincia, a que depois se acrescentariam troços de gente das outras provincias, e dictarem d'alli o ministro e o rei a sua vontade aos revoltosos de Lisboa.

D. Affonso VI, sem descontinuar de comer, ouvia o seu ministro, e, quando este esperava vêr seguidos os seus conselhos e mais exaltada a furia do principe, levantou-se este socegadamente, limpou os dedos cobertos de lusidia gordura aos bolços da casaca de veludo, e foi affagar o seu famoso lebréo inglez, que dormia n'um canto da sala sobre uma almofada.

— Valente, meu Valentinho, coitado. Ah! Estás aqui, preguiçoso. É preciso irmos a Alcantara uma tarde destas, meu velho. — Ligeiras pancadas na cabeça do cão acompanharam cada uma destas palavras.

O Conde de Castello-Melhor esperou alguns minutos que El-rei se dignasse responder-lhe; porém, vendo que Sua Magestade, — curvado para poder affagar o seu amigo Valente, que não julgara oportuno levantar-se da almofada em que molemente repousava para receber as festas de seu dono — parecia haver-se delle esquecido, perguntou com voz mal segura:

— O que determina Vossa Magestade que se faça nesta conjunctura?

Embaraçado com esta pergunta, Affonso VI ergueu-se, e, depois de hesitar um instante, respondeu secamente:

— Nada.

— Á vista disso peço a Vossa Magestade que se digne dar-me as suas ordens. Vae para a meia noite, e eu, sendo da vontade de Vossa Magestade, estou resolvido a partir immediatamente para um convento de arrabidos que fica perto de Torres-Vedras.

— Pois vae-te, para voltares breve.

— Será o que Deus quizer.

— Não quero que vás mal comigo! — acudiu o rei, pegando na mão do seu ministro, cujos olhos vira arrasarem-se de lagrimas. — Eu sou teu amigo, Conde. Mas bem vês que não póde ser, eu não posso saír de Lisboa.

— Vossa Magestade tem rasão — respondeu o Conde com voz convulsa. — Eu é que propunha a Vossa Magestade uma coisa impossivel. É o primeiro conselho que dou a Vossa Magestade, escutando talvez mais o meu interesse do que a minha rasão. O castigo, porém, não vem longe do crime; é o ultimo conselho que em minha vida tenho a honra de dar ao meu rei.

— Conde, Conde — exclamou D. Affonso, cujos olhos tambem não estavam enxutos; — se queres, iremos para o exercito do Alemtejo.

— Não, meu senhor. Seria a guerra civil; e Deus sabe se uma guerra civil não traria a ultima hora da liberdade e da independencia deste reino.

— Mas então...

— Partirei; ir-me-hei para longe de Vossa Magestade, acabar a vida na solidão da minha casa, ou nos amargores do desterro. Não importa — proseguiu elle resignado, — faça-se a vontade divina. É tempo que acabem as calumnias contra mim, e que comece a minha justificação. Acusam-me de ter tratos com Castella, de ter aclamado El-rei de Castella em Portugal, de ter querido dar peçonha a Sua Alteza, de ter roubado o thesouro publico; dia virá em que o mundo todo, e até os meus proprios inimigos darão testimunho da minha innocencia. Agora só supplico a Vossa Magestade que escute as palavras da rainha, minha senhora; e chame aos seus conselhos o sr. Infante, para fazer assim callar os perturbadores do socego publico. É isto o que peço a Vossa Magestade como ministro; como homem tenho a pedir-lhe tres graças.

— Quaes são, Conde?

— A primeira é que, se por fatalidade eu morrer ou fôr obrigado a saír da patria, Vossa Magestade tenha compaixão de meus filhos, e os proteja.

— Não ha de Deus permittir nem uma nem outra dessas desgraças, que receias; mas se acontecesse alguma, teus filhos, Conde, protege-los-hia eu, como o rei deve proteger os filhos de um vassallo fiel, e de um amigo.

A voz de D. Affonso VI ao soltar destas palavras era solemne e grave. Dizia-se naquelle tempo na côrte, quando Sua Magestade soltava alguma frase extravagante ou louca, que El-rei fallára com o lado doente, alludindo á parelysia que lhe tolhia os movimentos do lado direito: ora nesta occasião, evidentemente, foi o lado são de El-rei que fallou.

— Beijo as mãos de Vossa Magestade por tanto favor, — disse o privado enternecido.

— Que tens mais a pedir-me?

— D. Margarida...

— Ah! Ha muitos dias que a não vejo. Que é feito della? Aquelle successo de Salvaterra...

— A bruxa Zaida já está condemnada pela santa inquisição, e será queimada, para exemplo dos peccadores, no primeiro auto de fé — atalhou o Conde, interrompendo El-rei. — D. Margarida — proseguiu elle — vive desgostosa, triste, e só. A alma da pobre menina tem pouco a pouco perdido toda a alegria; o animo tem-se-lhe ido quebrantando. O que ella deseja agora é retirar-se para um convento, onde possa noite e dia fazer oração, e prepârar-se para entrar dignamente no numero das servas do Senhor.

— A Calcanhares beata! — exclamou El-rei, rindo.

— Vossa Magestade bem sabe que D. Margarida foi sempre uma boa e virtuosa mulher — acudiu o ministro com gravidade.

— Sei... sei — respondeu D. Affonso, cujo riso a seriedade do ministro fez subitamente interromper.

— Consinta Vossa Magestade que D. Margarida cumpra os seus desejos.

— Está concedido — disse o principe, pondo a mão no hombro do Conde. — Se eu não estivesse certo de te vêr aqui outra vez em breve, diria que estás fazendo testamento. Ah! Ah!

— Para o governo deste reino fico morto desde hoje. E, mal me virem morto, os meus inimigos terão cuidado de me deitar em cima uma loisa tão pesada, que eu a não possa levantar mais, nem mais sair da sepultura.

— Idéas tristes...

— Que Vossa Magestade quer esquecer — acudiu o Conde com abatimento. — E faz bem, Vossa Magestade.

— Que tens mais a pedir-me?

— Uma terceira graça, senhor, tenho a pedir a Vossa Magestade. E esta espero eu que ma conceda, como teve a bondade de conceder as outras.

— Qual é?

— A vida de um homem, que eu creio estar innocente, mas que as apparencias condemnam.

— Qual é?

— Um pobre arrieiro...

— Que a Rainha deseja vêr enforcado, porque lhe matou o Castilho?

— Esse mesmo, senhor.

— Que te importa a vida desse arrieiro?

— Talvez esteja innocente do crime de que o accusam, e então...

— Em elle morrendo, mandar-lhe-hei dizer cem missas por alma.

— É melhor qne Vossa Magestade lhe salve a vida.

— Isso te não faço eu. Ir-me, por causa de um almocreve, pôr mal com a Rainha, e com o

Infante, isso não te faço. É dar-lhes pretextos para moverem guerra a ti, e ao secretario de estado.

— Meu real senhor, porquem é... — disse o Conde, juntando as mãos supplicante.

— Não, meu Conde, é uma loucura. Estás de uns escrupulos que me assustam. Começo a crer que vaes morrer de véras.

— Vossa Magestade não quer fazer-me a graça que lhe peço?

— Não insistas mais, para me não obrigares a recusar te tudo — respondeu o rei, em quem a chólera, que a contrariedade lhe causava sempre, começava já a manifestar-se.

O Conde reconheceu a inutilidade de insistir mais tempo na sua supplica.

— Faça-se a vontade de Vossa Magestade — disse elle.

Estavam já callados havia minutos o rei e o ministro, quando o relogio do paço bateu lentamente n'um sino onze horas, a que o silencio da noite e o estado do espirito dos dois illustres personagens que o escutavam, dava uma voz lugubre e fatidica.

Affonso VI contou em alta voz as ultimas pancadas do relogio.

— Nove... dez... onze...

— Senhor — disse o Conde — que ordens tem Vossa Magestade a dar-me?

— Para quê?

— São onze horas.

— E então...

— Esta noite devo sair da côrte, como Vossa Magestade sabe. Assim o prometti á Rainha, minha senhora.

— Vaes-te, Conde? Pois não te esqueças das minhas ordens. D'aqui a oito dias quero-te aqui.

— Voltarei quando Vossa Magestade me mandar ordem para isso. Agora peço licença a Vossa Magestade para lhe beijar a mão.

— Não. Quero que me abraces como a um amigo, que sou — disse o rei estendendo-lhe os braços.

O Conde abraçou seu real amo. Quando se separaram um do outro, o rei e o ministro estavam com os olhos arrasados de lagrimas. Por quem chorava o Conde de Castello Melhor, pelo rei, ou pelo poder que ia deixar para sempre?

Ás duas horas dessa mesma noite o ministro d'Affonso VI partiu para o seu longo desterro, acompanhado apenas por vinte soldados da cavallaria da côrte.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Obras publicas em Hespanha. — A populosa capital do principado da Catalunha já não tem sufficiente espaço dentro de suas muralhas para respirar com liberdade e a população agglomerada que encerra deseja ha annos vencer a oppressão material daquelles muros, que parece cingirem-na como uma cinta de ferro Este melhoramento, desejado com tanto fervor, vae em breve realisar-se, porque já teve approvação do governo o projecto de alargar a cidade pela parte do passeio de Gracia, e dar-se-ha principio á obra logo que se vençam algumas difficuldades do momento. Esta ampliação, ao passo que vae dar novo realce ás alamedas da Rambla e de Gracia, facilitará notavel desafogo á cidade, que por falta de espaço para se poder edificar viu desapparecer os jardins e hortas que intramuros a aformoseavam, suppressão de que resultava grave prejuiso á saude publica.

Valencia, como se não foram bastantes demonstrações do seu enthusiasmo pelos progressos materiaes o seu caminho de ferro e as obras do seu porto, empenhou-se em outras duas emprezas de immensa utilidade e importancia: — a primeira é o projecto de um canal desde Sueca até Valencia pela Albufera (grande lagoa); tem-se para isso dado alguns passos, saindo favoravel a informação da sociedade economica, que foi sollicitada pelo governo da provincia. Se os meios de communicação produzem sempre bons resultados, pelo que respeita a este canal são incalculaveis os que de futuro offerece; trata-se de um paiz que pela natureza do seu terreno extraordinariamente pantanoso carece de boas estradas, e no qual, mesmo nas estações mais seccas do anno, são intransitaveis diversos sitios da varzea. Por isso augmenta a utilidade do canal projectado, e que será completa se a empreza o prolongar até Gandia, ou proporcionar outros meios de communicação com este povo, pois que então se duplicarão os beneficios para a provincia, resultando vida nova para a industria, extracção dos productos agricolas, e vantajosa e inexgotavel especulação para o commercio.

O segundo projecto a que nos referimos é a construcção de outro canal desde o porto del Grao até Valencia. Este pensamento, concebido n'outro tempo e de que se desistiu por offerecer graves difficuldades, renasce agora com maior vigor, e já se estão levantando as plantas da obra para serem remettidas ao governo. Consiste na construcção de um canal que partindo do novo dique que se está fazendo no Grao vá desembocar no dique que ha de formar-se extramuros da cidade nas immediações da ponte del mar, sem tocar na estrada do porto del Grao nem no caminho de ferro. Escusado é encarecer o grandissimo proveito que dahi redundaria para a capital valenciana, porquanto ligando o porto com a cidade facilitaria extraordinariamente as operações do commercio e da industria.

Destas tentativas de tamanha importancia naturalmente passamos aos caminhos de ferro. Julga-se que, terminada a secção de Tembleque, prolongação de Aranjuez a Almanza, e por consequencia deste caminho que sahe de Madrid, no dia em que fôr inau-

gurada a sobredita secção, já estará collocada a via ferrea até o Romelral, que dista uma legua de Tembleque. — Na linha de Ciudad-Real trata-se de ganhar em pouco tempo o que se tem perdido até agora por circumstancias inevitaveis, e já se começaram os trabalhos desde Almagro a Daimiel. — Na de Santander espera-se só a desapparição das neves para concluir as expropriações entre Alar e Reinosa, e achamse já levantados os planos d'estas secções, e concluidas as operações relativas á direcção da linha até aquella ultima cidade. O sr. D. José Salamanca, concessionario da linha de ferro do norte d'Hespanha, obteve grande acolhimento dos capitalistas francezes e inglezes e acha-se habilitado a entrar definitivamente no começo desta grandiosa empreza, que abre na Hespanha o transito accelerado desde a capital da monarquia até Irun, para dahi se entroncar na linha franceza, que deve vir bater nos Pyrenneus por aquella parte.

O *Clamor*, que faz esta resenha, referindo-se por tal motivo á triste mas exacta pintura, que precedentemente traçára, dos estragos que causavam a fome e a miseria nos desgraçados povos da Galliza, accrescenta em data de 17 do corrente março o seguinte: — A situação que já descrevemos de modo algum tem melhorado; e assim não cessaremos de clamar pela prompta execução das obras publicas, unico remedio a um mal que toma quotidianamente maiores proporções, e nos está agourando com futuro mais temeroso. O governo devia dar impulso quanto antes ás estradas que se começaram de Betanzos ao Ferrol, e de Santiago a Lugo e Orense, para fornecer meios de sustento aos povos das respectivas comarcas. Ainda isto não nos parece sufficiente: é preciso tambem attender ás aldêas do norte da Galliza que gemem sob o pezo de gravissima penuria; e para lhes prestar allivio e recursos cumpre promover e levar a effeito a conclusão da estrada geral do Ferrol a Rabade e de Vivero a Roupar. Com taes obras se conseguirão dois objectos, o qual delles mais essencial: — primeiro, ministrar alimento ao sem numero de infelizes que de outro modo perecerão á mingua; segundo, dar impulso á prosperidade daquelle paiz por via das communicaçõos internas de que tanto necessita para se desenvolverem sua agricultura, industria e commercio.

Quando os povos da Galliza offerecem tão triste espectaculo, outros da Andaluzia, e em especial Malaga, appresentam de dia para dia um aspecto lisongeiro pelo incremento que recebe a sua riqueza. Todavia, esta cidade ainda não satisfeita com seu actual grau de prosperidade, deseja vivamente que se anime o ramo commercial e industrial dos vinhos. Postoque do presente a exportação de vinho de Malaga e passas suba a 24 milhões de reales por anno, os jornaes andaluzes, partindo do calculo economico de que a producção total dos vinhos hespanhoes seja de 70 milhões aproximadamente, mostram a influencia que teriam ao seu commercio as providencias que dessem em resultado augmentar-se a producção de vinhos vinte por cento mais da actual.

Excentrico projecto de embalsamar os vivos. — Por mais extravagante que seja a idéa não deixaremos de transcrever, mesmo em rasão da singularidade, o seguinte artigo, que publica o *Cosmos* n.º 9.º do tomo 2.º Como se verá, este jornal expõe a noticia com toda a reserva. Diz assim:

« O que é a velhice? Que rasão ha para que o ancião se vá extinguindo gradualmente, e approximando-se ao termo fatal que os medicos denominam *morte senil?* Mr. Edouard Robin julga ter resolvido esta questão.

« Segundo este chymico, a velhice e a morte consecutiva procedem, com especialidade, do deposito lento e continuo de materiaes inorganicos nos tecidos da economia animal. No seio desta póde considerarse haver uma pequena combustão que extingue; e as cinzas dahi resultantes não são expellidas.

« A maior parte dos alimentos que servem á nutrição contém materias que pertencem ao reino mineral; taes são, a silicia, a cal, a magnesia, o oxydo de ferro e outras substancias susceptiveis de se converterem em saes insoluveis; estas, assimiladas por distinctos orgãos, se fixam na economia animal, vão endurecendo lentamente os tecidos e terminam por transformal-os em verdadeiras substancias osseas, desprovidas da macieza e mobilidade, que tão indispensaveis são para a mantença e exercicio das funcções da vida.

« Eliminar todas as cinzas resultantes daquella combustão, segundo Robin, é o vordadeiro meio de qualquer não se fazer velho. — Porém, será possivel tal eliminação? E ainda quando se houvesse conseguido expellir da economia animal todas as substancias inuteis e perjudiciaes á conservação da vida, ficaria por isso o homem menos sujeito ou isento da decrepitude? — Aguardando a resposta a estas objecções, que sem duvida deverá formular melhor M. Robin, veremos como o celebre professor procura o modo de conseguir o que podemos chamar embalsamento dos vivos.

« Effectivamente tracta de ensaiar a alimentação por meio de substancias pouco mineralisadas; depois pertende mineralisar outras antes de as submetter á acção do estomago; por fim, propoem como *pedra philosophal* o acido lactico, que gosa a propriedade dissolvente das materias mineraes.

« Os estudos de Mr. Robin ácerca da vitalidade, e sua maior ou menor força, o conduziram a uma conclusão que poderá ser mui util aos zoologistas. Segundo a sua opinião, a pequenez da estatura dos animaes é um indicio de combustão mui activa, e por conseguinte de morte prematura; ao passo que a maior corpulencia denota tendencias absolutamente oppostas. Pertende que, n'uma época em que a atmosphera devia ser mais oxygenada do que actualmente, a estatura gigante dos fosseis era em vivos uma necessidade de sua conservação.

« Se tal chegasse a confirmar-se, seriam levados á tela judicial os principios famosos da statica natural, e poderiamos suppor que viesse um dia em que o homem ficaria reduzido a uma estatura infinitesimal antes da sua completa desapparição da superficie da terra. Confessamos com franqueza que a progressiva diminuição de estatura não é de natureza tal que nos tranquillise ácerca do provir que augura Mr. Robin. Seja como fôr, muito folgariamos de que o curso do espirito humano caminhasse em sentido inverso: no entanto, esperaremos socegadamente ou a grande obra de Mr. Robin ou a acção lenta e forçosa das causas naturaes.